



**SALOMÉ GUEDES DA
SILVA RAMOS**

**MEDIA E VIOLÊNCIA: ESTUDO COM CRIANÇAS E
JOVENS**



**SALOMÉ GUEDES DA
SILVA RAMOS**

**MEDIA E VIOLÊNCIA: ESTUDO COM CRIANÇAS E
JOVENS**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Psicologia Forense, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Anabela Maria Sousa Pereira, Professora Auxiliar com Agregação do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro.

Este trabalho foi apoiado pelo projecto SUDcom, com o patrocínio da Fundação de Direitos Humanos *PRO DIGNITATE*, representada pela presidente, Dra. Maria de Jesus Barroso Soares.

o júri

Presidente

Prof. Doutor Pedro Jorge da Silva Coelho Nobre
Professor Auxiliar com Agregação da Universidade de Aveiro

Prof. Doutora Maria de Jesus Simões Barroso Soares
Presidente da Fundação de Direitos Humanos *Pro Dignitate*

Prof. Doutora Anabela Maria Sousa Pereira
Professora Auxiliar com Agregação da Universidade de Aveiro

Agradecimentos

À Professora Doutora Anabela Pereira, pela atenção, acompanhamento, incentivos e pelas excelentes oportunidades de aprendizagem e aperfeiçoamento que me proporcionou ao longo do mestrado.

Aos responsáveis das escolas, professores e alunos que se disponibilizaram a colaborar e que, por isso, tornaram possível a realização deste estudo.

À minha equipa de trabalho, que me apoiou ao longo de todo este percurso. Agradeço em particular ao Eng. José Neves pela tolerância e flexibilidade que me proporcionou durante a elaboração deste trabalho e à Isabel, pelo constante e inestimável apoio, amizade e confiança que me transmitiu.

Aos colegas, amigos e a todos os que, voluntariamente ou por força das circunstâncias, acabaram por me orientar, motivar e acompanhar nas várias etapas, viagens e provas por que passei ao longo deste trabalho. Em especial ao Pedro, à Joana e à Nélia, ao António e Filipe, cuja paciência se mostrou sem fim.

À Helena e Catarina, que reforçaram e deram sentido à palavra amizade, nos momentos de maior desassossego, e à Andreia, por tudo o que não me é possível traduzir em palavras.

Finalmente, aos meus pais, irmã e a toda a minha família, pela paciência nas ausências, desatenções e sacrifícios que não pude evitar, em favor de algo que é parte de mim, e que, espero, possam sempre entender.

palavras-chave

meios de comunicação social, *bullying*, *cyberbullying*, crianças, jovens

resumo

A investigação tem apontado para uma relação entre a exposição aos meios de comunicação social e violência em crianças e jovens, onde prevalece a análise dos efeitos da televisão, tendo sido relegadas para segundo plano as novas tecnologias da informação. Face à escassez de investigação neste âmbito em Portugal, o presente estudo tem como objectivo compreender os hábitos de utilização dos *media* (internet, telemóvel, jogos, televisão e imprensa escrita), considerando o tempo e os conteúdos violentos a que mais novos estão expostos e a sua relação com comportamentos de *bullying* e *cyberbullying*. Para além disso, pretende-se analisar o envolvimento parental no uso dos *media* e as atitudes pro-violência, identificando a relação existente entre estes factores e os comportamentos de violência que os jovens exibem.

A amostra é constituída por 745 alunos do 6º ao 10º ano, de 12 escolas públicas e privadas do centro do país, com a autorização do Ministério da Educação. Para este efeito, construiu-se um questionário relativo aos hábitos de utilização dos *media* e foram traduzidas e adaptadas duas escalas, uma referente às atitudes face à violência e outra cujo objectivo passa por avaliar os comportamentos de violência em meio escolar, tendo sido adicionado o *cyberbullying* – uma forma emergente de violência na sociedade actual.

Os resultados revelam que 57% dos participantes usa internet no seu quarto e 97% tem um telemóvel. Os comportamentos de *bullying* apresentam uma correlação positiva com o *cyberbullying* e esta apresenta valores mais elevados na associação do *bullying* com os conteúdos visualizados e do *cyberbullying* com o tempo de exposição. Apesar do moderado envolvimento dos pais, sobretudo na utilização da internet, quando está presente este acompanhamento/controlo parece estar relacionado com uma diminuição de comportamentos de violentos. Finalmente, as atitudes a favor da violência apresentam uma correlação mais forte e positiva com comportamentos de *bullying* e *cyberbullying*.

A compreensão destes resultados permite abrir do leque de possibilidades para a investigação, para além de contribuir para a definição de algumas linhas de intervenção, no âmbito da educação para os *media*, a nível individual, familiar e comunitário.

keywords

media, bullying, cyberbullying, children, youth

abstract

Much research has been conducted on effects of media violence in childhood and youth aggression. However, most of those studies are based on TV habits, casting aside the expanding technology. Also, there is little research in the Portuguese reality.

Carried out in the centre area of Portugal, the objectives of this research are to characterize the students' habits of media consumption and verify whether a relationship between the time of media consumption and the exhibition of violent behaviours exists. In addition, we intend to evaluate if the viewing of violent contents is associated with the display of violent behaviour, analyse if there is a relation between parental control of media use and the exhibition of violent behaviours, and identify a relationship between young people's attitudes towards violence and the adoption of different violent behaviours.

Bullying behaviours show a positive correlation with cyber bullying. While bullying seems to be more related to the contents viewed, cyber bullying shows a more significant correlation with exposure time. Despite the moderate parental involvement, especially in the use of internet, this monitoring / control seems to be related to a decrease in violent behaviours. Finally, attitudes in favour of violence have a stronger and positive correlation with both behaviours of bullying and cyber bullying.

The understanding of these results discloses a range of possibilities for research, as well as it helps to define a few lines of intervention in education for the media, on a personal level, in the family and in the community.

Índice geral

Introdução	1
<i>A violência e os media: que relação?</i>	<i>1</i>
<i>Novas Tecnologias, Novas Formas de Violência</i>	<i>3</i>
<i>Violência e media em Portugal</i>	<i>5</i>
Metodologia	7
Participantes	7
Instrumentos	7
Procedimentos	9
Resultados	10
Discussão	14
Conclusão	16
Referências Bibliográficas	19

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Correlações entre o tempo de exposição aos *media* em dias de semana e *bullying/cyberbullying*

Tabela 2 – Correlações entre o tempo de exposição aos *media* em dias de fim-de-semana e *bullying/cyberbullying*

Tabela 3 – Correlação entre a exposição a conteúdos violentos nos *media* e *bullying/cyberbullying*

Tabela 4 – Correlação entre envolvimento controlo parental e *bullying/cyberbullying*

Tabela 5 – Correlação entre atitudes e *bullying/cyberbullying*

Introdução

Em 2010, a **Organização Mundial de Saúde** divulga, num relatório sobre a violência, a morte diária de 40 jovens na Europa, sendo o esfaqueamento ou outro tipo de agressões físicas as principais causas apontadas. Na Conferência Mundial de Segurança, esta organização referiu a importância da prevenção da violência entre os jovens, à semelhança do que já tem sido feito em alguns países europeus, onde este tema tem sido alvo de investigação e intervenção.

Várias são as causas apontadas para os comportamentos violentos dos mais jovens e, considerando o aparecimento da televisão e o crescente desenvolvimento dos meios de comunicação social, muitos estudos vieram salientar o impacto negativo que a exposição aos meios de comunicação social pode ter sobre as crenças (Flex, Fidler & Roger, 1976 e O'Briant & Conder-Bolz, 1978; *in* Bandura, 2001) e os comportamentos violentos dos mais jovens (Bandura, Ross & Ross, 1963, *in* Freedman, 2006; Huesmann, Lefkowitz & Walder, 1972, 1977, *in* Huesmann & Miller, 1994; Kuntsche et al., 2006).

A investigação nesta área, a nível internacional, não é recente e tem vindo a acompanhar a evolução dos meios de comunicação social. De referir que, na Europa, foi criado o Centro Nórdico de Informação para a Pesquisa sobre os *Media* e a Comunicação Social (NORDICOM), com sede na Suécia, que tem vindo a promover e a desenvolver estudos em todo o mundo com o objectivo de divulgar os seus resultados junto das instituições – públicas e privadas. Em 1997, a NORDICOM estabeleceu a *International Clearinghouse on Children, Youth and Media*, cujo objectivo passa pela promoção e desenvolvimento de pesquisas relativamente aos meios de comunicação social e o seu impacto sobre as atitudes/comportamentos de crianças e jovens. Este panorama não corresponde à realidade portuguesa, sendo escassos os estudos que procuram uma relação entre a exposição aos meios de comunicação social e violência entre jovens, muitas vezes definida como *bullying*.

A violência e os media: que relação?

A **Teoria Socio-Cognitiva da Comunicação em Massa**, de Bandura, explica a aprendizagem da violência tendo como base a capacidade de simbolização, auto-regulação

e auto-reflexão do ser humano, visto como proactivo e não apenas como mero produto do meio social (Bandura, 2001). Esta teoria salienta a capacidade vicariante que permite às pessoas a expansão do seu conhecimento através da observação, sendo esta modelagem controlada por contingências. Eron (1994) refere a ênfase que esta teoria coloca na aprendizagem da violência como uma forma de resolução de problemas, na medida em que a violência é aprendida de forma vicariante e incorporada no repertório de resolução de problemas. “Se as atitudes de uma criança incluem a aceitação da violência como um meio de resolução de problemas, é razoável pensar que essa criança terá uma maior probabilidade de reagir de forma violenta em situações da vida real” (Barkhus, 1999, p.6). Esta capacidade de aprendizagem e reprodução dos comportamentos observados foi também abordada por neurocientistas, que ponderam a existência de uma tendência inata para a “imitação”, após a descoberta de “neurónios espelho” em primatas, responsáveis por este processamento (Rizzolatti, Fadiga, Gallese & Fogassi, 1996; *cit in* Bushman & Huesmann, 2006)

Numa revisão da literatura, Barkhuus (1999) refere que, apesar das evidências encontradas nos primeiros **estudos laboratoriais**, por exemplo os de Bandura (1961) e Berkowitz (1966), alguns investigadores levantam questões relativamente à relação causal entre a exposição aos *media* e a exibição de comportamentos violentos.

No entanto, Huesmann & Miller (1994) mencionam os resultados obtidos por Eron, Huesmann, Lefkowitz & Walder, na década de sessenta em **estudos longitudinais** cujos dados revelam correlações entre a exposição à violência aos 8 anos e os níveis de violência 10 anos depois, bem como o envolvimento em crimes graves, 22 anos mais tarde. Para além de reforçar a questão da causalidade entre a exposição à violência dos meios de comunicação social e a adopção de comportamentos violentos, estes estudos vieram demonstrar o carácter uni-direccional desta relação, uma vez que não foram encontradas correlações entre os níveis de violência durante a infância e os hábitos de utilização dos *media*, na idade adulta (Barkhuus, 1999).

Neste seguimento, autores como Barkhuus (1999), Vala (2000) e Strasburger, Jordan & Donnerstein (2010) reforçam a existência de vários estudos que têm aprofundado as consequências resultantes da exposição à violência nos meios de comunicação social, ao

nível das atitudes, percepções da realidade e dessensibilização face à violência. Para além disso, referem dados que denotam uma menor reactividade fisiológica dos espectadores mais expostos à violência na TV à violência exibida, razão pela qual alguns autores têm vindo a debruçar-se sobre este efeito, também através de padrões de activação neurológica (Murray, 2008).

Segundo Bushman & Huesmann (2006), a psicologia cognitiva e as neurociências consideram que a mente humana funciona como uma rede associativa, em que as ideias são activadas por estímulos às quais estão associadas. Assim, a exposição a cenas de agressividade poderá activar comportamentos, cognições e emoções já existentes e associadas à violência.

Apesar da ênfase da investigação recente na componente das crenças e atitudes, Barkhuus (2000) apresenta algumas sugestões para estudos futuros, por exemplo, a análise da relação entre as atitudes e os comportamentos, a influência que diferentes conteúdos têm sobre o comportamento e ainda uma maior atenção à percepção subjectiva que cada criança tem da violência.

Novas tecnologias, novas formas de violência

Autores como Anderson e colaboradores (2003), Bandura (2001) e Huesmann (1994) referem a **influência crescente** que os hábitos televisivos têm sobre a violência na sociedade e, em particular, nos mais jovens. De acordo com Strasburger (2009), 10% das agressões na vida real podem ter como influência a violência assistida nos *media*. Nesta linha, algumas pesquisas internacionais têm trazido para o **debate público o impacto social** do acelerado avanço nas novas **tecnologias da comunicação**, quer ao nível das atitudes, quer dos comportamentos, tendo vindo a expandir-se a variedade de modelos a que a sociedade está exposta diariamente.

Num estudo da **Fundação Kaiser Family**, Rideout, Ulla e Roberts (2010), referem um aumento substancial na utilização dos *media* pelos jovens, nos últimos cinco anos. Segundo este estudo, crianças/jovens entre os 8 e os 18 anos passam mais tempo com os meios de comunicação social do que com qualquer outra ocupação, excepto dormir (uma

média de 7 horas e meia por dia), tendo havido uma explosão na utilização dos telemóveis e da internet. Estes dados confirmam os resultados já obtidos em 1989 (Johnson, 1996).

Se, por um lado, os autores chamam a atenção para o facto de os jovens que passam mais tempo com os meios de comunicação social reportarem baixos níveis de contentamento pessoal, por outro, referem que aqueles cujos pais fazem um esforço por limitar o uso dos *media*, passam menos tempo com expostos a estes do que com o grupo de pares. O projecto *Pew Internet & American Life* divulgou que 71% dos jovens americanos tem um telemóvel e 93% usa a internet. Relativamente às actividades na internet, 78% jogam online, 73% usam o correio electrónico, 68% conversam através de chats e 65% usam sites de redes sociais (Jones & Fox, 2009).

Mediante este desenvolvimento e a crescente difusão dos meios de comunicação social pelos mais jovens, novas formas de violência tendem a emergir (Trolley, 2010). De acordo com Olweus (1993), a **definição de bullying** implica formas específicas de violência que ocorrem de forma intencional, repetida e ao longo do tempo, numa relação assimétrica de poder entre agressor e vítima. O mesmo autor considera útil a distinção entre o *bullying* praticado de forma directa (através de ataques abertos, que podem ser físicos ou verbais) e de forma indirecta (por exemplo, através do isolamento e exclusão social). Alguns autores salientam um maior envolvimento de rapazes na primeira forma de *bullying*, sendo que, por outro lado, as raparigas tendem a exercer violência de forma mais indirecta (Bjorkqvist, 1994; Wang, Iannotti & Nansel, 2009), também denominada violência relacional ou social (Crick, 1995).

Uma sondagem realizada em 2005 (**Health Behavior in School-Aged Children**), levada a cabo em oito países (Canadá, Estónia, Israel, Letónia, Macedónia, Polónia, Portugal e Estados Unidos), permitiu associar diferentes factores de exposição à televisão a diferentes tipos de *bullying*. Kuntsche et al. (2006) referem uma maior prevalência de agressões verbais em jovens que vêem mais televisão. Concomitantemente, foi encontrada uma maior tendência para agressões físicas, em adição à violência verbal e relacional, em culturas com maior exposição à televisão durante o fim-de-semana, sendo Portugal um exemplo. Os mesmos autores chamam a atenção para a necessidade de aprofundar este estudo, com base em factores como o acompanhamento parental e os conteúdos visualizados.

Conscientes da popularidade da internet e dos telemóveis junto da população mais jovem, Wang, Ronald e Nansel (2009) acrescentaram o *cyberbullying* – forma de agressão que ocorre através de computadores ou telemóveis (Wang, Ronald & Nansel, 2009) – às três formas de violência na aplicação do questionário de Olweus. Se, por um lado, os resultados permitiram encontrar uma relação entre o apoio parental e uma menor taxa de envolvimento em todas as formas de *bullying*, por outro, revelam que, contrariamente ao *bullying* físico, verbal ou relacional, o *cyberbullying* não parece estar relacionado com o número de amigos.

Violência e media em Portugal

A partir de factores que as pesquisas revelaram como facilitadores de consequências negativas, foi realizado em Portugal um estudo qualitativo (Vala, Lima & Jerónimo, 2000) que procurou analisar o grau e o **tipo de violência emitida pela televisão** portuguesa, em diferentes tipos de programação (recreativa, publicitária e informativa). Os resultados indicam que um espectador exposto a 2,5 horas de televisão diária, vê, ao fim de um mês, 2250 interações violentas e 225 mortes. Para além disso, a violência é particularmente elevada em filmes e desenhos animados, sendo que a programação destinada a crianças apresenta uma taxa de violência superior à destinada a adultos. Este foi o primeiro estudo na área da violência dos *media* no contexto nacional e, através do cruzamento com resultados obtidos em estudos internacionais, permitiu observar que a violência exibida pela televisão portuguesa está ao mesmo nível da televisão francesa, mas excede a dos EUA.

Um estudo realizado com 820 alunos do ensino básico do distrito de Coimbra procurou caracterizar os **hábitos televisivos** e analisar o papel mediador de variáveis (identificação com os heróis violentos, prazer em ver violência na televisão e o realismo percebido na violência televisiva) na relação entre a exposição à violência televisiva e a agressão física (Matos, 2005). Este estudo revela que 44% dos participantes tem acesso à televisão no seu próprio quarto, dedicando um período considerável de tempo a este meio de comunicação social. Simultaneamente, chama a atenção para o papel dos pais, tal como já tinha sido sugerido em outros estudos internacionais (Anderson et al., 2003; Wang, Iannotti & Nansel, 2009). No entanto, este estudo limita-se a analisar a exposição à violência da

televisão, deixando de parte outros meios de comunicação social a que actualmente os jovens têm acesso privilegiado.

Apesar do crescente interesse por esta área e desenvolvimento de estudos a nível internacional (e, recentemente, a nível nacional) há ainda muitos aspectos a explorar. No que concerne ao acesso e utilização dos meios de comunicação social pelos jovens portugueses torna-se relevante perceber quais os meios de comunicação social mais utilizados pelos jovens e qual o nível de violência percebido pelos próprios nesta exposição. Por outro lado, interessa analisar a relação entre as atitudes e comportamentos violentos.

Tendo em conta o estado incipiente da investigação nesta área, o presente estudo tem como objecto a caracterização dos hábitos de utilização dos *media* pelas crianças e jovens portugueses e a relação existente com os comportamentos de violência exibidos. A levar a cabo na zona centro do país, foram delineados cinco objectivos específicos para a investigação: (1) caracterizar os hábitos de utilização de diferentes meios de comunicação social (televisão, internet, jogos e imprensa escrita) por crianças e jovens portugueses; (2) verificar se existe relação entre o tempo de utilização dos meios de comunicação social e a exibição de comportamentos violentos; (3) relacionar a exposição a conteúdos violentos nos *media* e a exibição de comportamentos violentos; (4) compreender a interferência do controlo parental na relação entre a exposição aos meios de comunicação social e a violência exibida; e (5) identificar a relação existente entre as atitudes dos jovens face à violência e a adopção de diferentes comportamentos.

Metodologia

Participantes

Os elementos deste estudo foram recolhidos junto de uma amostra de 745 alunos portugueses, da área geográfica da zona centro, com idades compreendidas entre os 10 e os 18 anos. A amostra é composta por 402 raparigas (54%) e 343 rapazes (46%) e 82% dos sujeitos têm entre 12 e 15 anos. Desta amostra, 37% são provenientes de famílias com um nível sócio-económico mais baixo, 43% situam-se num nível médio e 15% caracterizam-se por um nível sócio-económico mais elevado.

Instrumentos

A recolha dos dados foi feita através da administração de três questionários de auto-resposta. Para este efeito, foi construído um primeiro questionário com o objectivo de conhecer os hábitos de utilização dos meios de comunicação social (Questionário de Hábitos de Utilização dos *Media*) e outros dois foram traduzidos e adaptados – o Questionário de Atitudes Face à Violência (Funk, Elliott, Bechtold, Pasold, and Tsavoussis, 2003a) e o Olweus Bully/Victim Questionnaire (Olweus, 1996).

Com o propósito de aceder a variáveis socio-demográficas, foram introduzidas no Questionário de Hábitos de Utilização dos *Media*, algumas questões iniciais que permitem considerar o género, a idade, o ano e o nível sócio-económico dos alunos visados. Este último aspecto será ponderado com base na profissão dos pais, de acordo com as categorias profissionais estabelecidas pelo Instituto Nacional de Estatística.

O Questionário de Hábitos de Utilização dos *Media* é constituído por um total de 26 questões – 4 de resposta directa (programas/personagens/jogos/leituras preferidas) e 22 de escola múltipla (são apresentadas várias hipóteses, devendo ser escolhida uma ou mais de entre elas), das quais 10 estão representadas através de uma escala de Lickert (1 – Nunca; 2 – Algumas vezes; 3 – Muitas vezes)

Na construção deste questionário foram ponderados algumas aspectos evidenciados na literatura, nomeadamente, em sondagens relativas à utilização de diferentes categorias dos meios de comunicação social (por ex. nos projectos Pew Internet & American Life e Fundação Kaiser Family) e em estudos de caracterização da violência nos *media* (por ex. Vala, Lima & Jerónimo, 2000). Outras variáveis foram inseridas, de forma a responder aos objectivos do estudo, por exemplo, questões relativas ao controlo parental e à percepção da violência nos programas e personagens preferidos. Na sua estrutura global, o questionário é constituído por cinco partes: Parte I – Acesso aos meios de comunicação social; Parte II – Hábitos televisivos; Parte III – Utilização da internet; Parte IV – Jogos; e Parte V – Imprensa escrita, sobre as quais incidem as questões realizadas. Uma análise do coeficiente do Alpha de Cronbach permite-nos verificar uma forte consistência interna para esta escala, com um valor de .89.

O Bully/Victim Questionnaire (Olweus, 1996) foi construído para avaliar as diferentes dimensões da violência em contexto escolar, permitindo obter resultados relativamente ao *bullying* físico, *bullying* verbal e *bullying* relacional. A escala inicial é composta por 38 ítems, encontrando-se em partes diferentes as questões direccionadas para a vitimização e actos de *bullying*. Tendo em consideração a amostra deste estudo, procurou-se traduzir e adaptar para o Questionário de Violência em Meio Escolar cada um dos ítems, tendo adicionalmente sido criados novos ítems, relativamente ao *cyberbullying* (por exemplo, Nos últimos dois meses, os meus colegas usaram a internet ou o telefone para me chamar nomes, gozar-me ou chatear-me). A validade interna desta escala corresponde a um Alpha de Cronbach de .86.

O Questionário de Atitudes Face à Violência: Versão para Crianças foi traduzido do original fornecido pelos autores, sendo composto por 16 questões e dividido em duas partes: a violência reactiva (face a ameaças percebidas ou reais) e a violência cultural (aceitação/justificação da violência). As respostas são assinaladas numa escala de Lickert (1 = discordo totalmente, 2 = discordo, = 3 não concordo nem discordo, 4 = concordo e 5 = concordo totalmente). Também nesta escala se verificaram propriedades psicométricas aceitáveis, com um valor de Alpha de Cronbach de .84.

Procedimento

De acordo com a divisão territorial da Direcção Regional de Educação do Centro, que corresponde ao Roteiro das Escolas da Região Centro (Aveiro, Estarreja, Castelo Branco, Coimbra, Tábua, Leiria, Mangualde, Viseu e Guarda), foram seleccionadas, por conveniência, 12 escolas (tendo sido igualmente consideradas escolas públicas e privadas), tendo sido seleccionadas, pelos elementos da direcção de cada escola, as turmas para administração dos questionários, de acordo das idades mencionadas.

Os instrumentos aplicados foram submetidos à análise da Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular (DGIDC) do Ministério da Educação, responsável pela autorização de inquéritos e realização de estudos em meio escolar. Posteriormente, foram contactadas as escolas, com a explicitação dos objectivos do estudo e com a apresentação prévia dos questionários para aprovação dos responsáveis.

Após ter sido obtido o consentimento dos pais, os três questionários foram apresentados aos alunos em formato de papel, no mesmo momento, em sala de aula, nas escolas e turmas seleccionadas, durante o primeiro semestre de 2011. Para além do consentimento informado, foi garantida a confidencialidade e anonimato das respostas fornecidas pelos alunos. Foi proposto às escolas um momento para a aplicação dos questionários, designadamente, a aula de Área de Projecto, uma área curricular não disciplinar. Coube, no entanto, ao responsável de cada turma (director de turma) a decisão acerca das circunstâncias para este procedimento. Sempre que possível, o preenchimento dos questionários foi feito na presença de um dos investigadores.

Resultados

Com o objectivo de se analisarem as correlações definidas nos objectivos, foi utilizado o SPSS (Statistical Package for the Social Sciences). Para além de estatísticas descritivas, foi feita a análise de correlações, com recurso ao teste não-paramétrico, teste de Spearman, dado que não se verificou uma distribuição normal.

Uma primeira análise, relativamente aos locais a partir dos quais os sujeitos têm acesso aos diferentes meios de comunicação social, mostra que 78% dos alunos que responderam aos questionários tem acesso a televisão na sala da sua casa, enquanto 30% afirma ter uma televisão no próprio quarto e 57% dos sujeitos tem igualmente acesso à internet no seu quarto. Relativamente ao uso de telemóveis, 97% dos alunos tem acesso a um telemóvel na sua casa e 77% usam este meio fora de casa.

Os meios de comunicação social aos quais tanto os rapazes como as raparigas estão mais tempo expostos são a televisão e o telemóvel. Por exemplo, durante a semana, os alunos passam cerca de 5 horas por dia a ver televisão e 5h30m com o telemóvel. Durante o fim-de-semana, o tempo de utilização destes dois meios de comunicação social aumenta para 6 horas por dia. Se, por um lado, as raparigas revelam uma maior tendência para ver televisão, usar o telemóvel e ler jornais/revistas, por outro lado, os rapazes desta amostra passam mais tempo a jogar.

Os valores relativos ao tempo que os alunos passam com a internet não diferem com o género, sendo que tanto rapazes como raparigas passam uma média de 4 horas por dia durante a semana e 5 horas durante os dias de fim-de-semana na internet. No entanto, existe alguma variabilidade no que se refere à idade, por exemplo, em dias de fim-de-semana, os estudantes mais velhos referem usar a internet durante cerca de 6 horas por dia, enquanto os mais novos referem uma média de 4h30m por dia.

Existe um envolvimento parental moderado no que respeita ao uso dos meios de comunicação social, que parece decrescer com o aumento da idade dos alunos. Nos dados relativos ao controlo e acompanhamento parental, salienta-se o facto de 82% dos pais verem televisão com os seus filhos, enquanto apenas 25% acompanha ou controla os filhos, enquanto usam a internet.

No que concerne aos conteúdos visualizados na televisão pelos alunos que integram a amostra, 98% dos sujeitos refere ver filmes e 94% vê séries. Quando utilizam a internet, 95% vê vídeos online e 87% utiliza salas de chat. Finalmente, 92% dos participantes usa o telemóvel para fazer chamadas e 91% para enviar sms.

De acordo com as respostas fornecidas pelos alunos, não existe uma grande exposição a conteúdos violentos quando usam a internet ou jogam. Ainda que metade dos participantes afirme que, por vezes, assiste a lutas, insultos ou utilização de armas enquanto vê televisão, estas características não são apontadas às suas personagens favoritas. Alguns sujeitos referem que a sua personagem favorita nunca lutou num programa (45%), nunca insultou ou chamou nomes (53%), nunca ignorou os outros (53%), nunca usou armas (54%) e nunca destruiu objectos (45%). Apenas 19% refere que o seu modelo se envolve frequentemente em lutas e destrói objectos. Adicionalmente, os sujeitos provenientes de níveis sócio-económicos mais elevados referem estar expostos a conteúdos de maior violência.

Relativamente à análise da relação entre *bullying* e *cyberbullying*, os resultados obtidos dão-nos um valor positivo para a correlação entre os relatos de *bullying* e *cyberbullying* ($r=+.491$; $p<.01$). Esta correlação aponta para a probabilidade de os estudantes que adoptam comportamentos violentos com os colegas de escola de forma directa, assumirem igualmente comportamentos de *cyberbullying*. Apesar de não apresentar uma correlação forte, o tempo a que os alunos estão expostos aos meios de comunicação social parece estar associada a comportamentos de *bullying* e *cyberbullying*. O valor das correlações entre o tempo de exposição durante os dias de semana e violência é de $r=.140$ para o *bullying* e $r=.142$ para o *cyberbullying* ($p<.01$). A exposição durante os dias de fim-de-semana encontra-se também positivamente correlacionada, com o mesmo nível de significância ($p<.01$), apesar dos valores encontrados serem mais baixos (*bullying* $r=.099$ e *cyberbullying* $r=.131$).

Tabela 1: Correlações entre o tempo de exposição aos *media* em dias de semana e *bullying/cyberbullying*

		Tempo de Exposição (Dias de Semana)	<i>Bullying</i>	<i>CyberBullying</i>
Tempo de Exposição (Dias de Semana)	Correlation Coefficient	1,000	,140**	,142**
	Sig. (2-tailed)	.	,000	,000
	N	745	745	745
<i>Bullying</i>	Correlation Coefficient	,140**	1,000	,491**
	Sig. (2-tailed)	,000	.	,000
	N	745	745	745
<i>CyberBullying</i>	Correlation Coefficient	,142**	,491**	1,000
	Sig. (2-tailed)	,000	,000	.
	N	745	745	745

** . Correlação significativa a um nível de 0.01 (2-tailed).

Tabela 2: Correlações entre o tempo de exposição aos *media* em dias de fim-de-semana e *bullying/cyberbullying*

		<i>CyberBullying</i>	<i>Bullying</i>	Tempo de exposição (Fim-de-semana)
<i>CyberBullying</i>	Correlation Coefficient	1,000	,491**	,131**
	Sig. (2-tailed)	.	,000	,000
	N	745	745	745
<i>Bullying</i>	Correlation Coefficient	,491**	1,000	,099**
	Sig. (2-tailed)	,000	.	,007
	N	745	745	745
Tempo de exposição (Fim-de-semana)	Correlation Coefficient	,131**	,099**	1,000
	Sig. (2-tailed)	,000	,007	.
	N	745	745	745

** . Correlação significativa a um nível de 0.01 (2-tailed).

Tal como o tempo de utilização dos meios de comunicação social, também a exposição à violência exibida, tal como percebida pelos alunos, revela um coeficiente de correlação positiva de $r=.213$ para o *bullying* e $r=.137$ para o *cyberbullying*, com um nível de significância de $p<.01$.

Tabela 3: Correlação entre a exposição a conteúdos violentos nos *media* e *bullying/cyberbullying*

		<i>Bullying</i>	<i>CyberBullying</i>	Exposição à violência
<i>Bullying</i>	Correlation Coefficient	1,000	,491**	,213**
	Sig. (2-tailed)		,000	,000
	N	745	745	745
<i>CyberBullying</i>	Correlation Coefficient	,491**	1,000	,137**
	Sig. (2-tailed)	,000		,000
	N	745	745	745
Exposição à violência	Correlation Coefficient	,213**	,137**	1,000
	Sig. (2-tailed)	,000	,000	
	N	745	745	745

** . Correlação significativa a um nível de 0.01 (2-tailed).

Por outro lado, o envolvimento parental com o uso dos *media* e a exibição de comportamentos violentos apresenta uma correlação negativa e também mais fraca. O envolvimento parental e o *bullying* apresentam um coeficiente de $r = -.111$ ($p < .01$), sendo ainda mais baixo o valor de correlação para o *cyberbullying* ($r = -.092$), com um nível de significância $p < .05$.

Tabela 4: Correlação entre envolvimento controlo parental e *bullying/cyberbullying*

		<i>CyberBullying</i>	<i>Bullying</i>	Envolvimento parental
<i>CyberBullying</i>	Correlation Coefficient	1,000	,491**	-,092*
	Sig. (2-tailed)		,000	,012
	N	745	745	745
<i>Bullying</i>	Correlation Coefficient	,491**	1,000	-,111**
	Sig. (2-tailed)	,000		,003
	N	745	745	745
Envolvimento parental	Correlation Coefficient	-,092*	-,111**	1,000
	Sig. (2-tailed)	,012	,003	
	N	745	745	745

** . Correlação significativa a um nível de 0.01 (2-tailed).

* . Correlação significativa a um nível de 0.05 (2-tailed).

Finalmente, foi encontrado um coeficiente mais alto de correlação na associação entre as duas formas de violência (bullying e cyberbullying) e as atitudes face à violência.

Tabela 5: Correlação entre atitudes e *bullying/cyberbullying*

		Atitudes	<i>Bullying</i>	Cyber <i>Bullying</i>
Atitudes	Correlation Coefficient	1,000	,258**	,203**
	Sig. (2-tailed)		,000	,000
	N	745	745	745
<i>Bullying</i>	Correlation Coefficient	,258**	1,000	,491**
	Sig. (2-tailed)	,000		,000
	N	745	745	745
Cyber <i>Bullying</i>	Correlation Coefficient	,203**	,491**	1,000
	Sig. (2-tailed)	,000	,000	
	N	745	745	745

** . Correlação significativa a um nível de 0.01 level (2-tailed).

Neste estudo, os estudantes que revelam mais atitudes a favor da violência são os que têm mais probabilidade de exibir comportamentos violentos de *bullying* ($r=.258$) e *cyberbullying* ($r=.203$). Tal como na maioria das correlações encontradas, também esta análise apresenta um nível de significância de .01.

Discussão

Anderson e colaboradores (2003) referem uma falta de consenso entre investigadores no que concerne à influência que a exposição aos meios de comunicação social tem sobre o comportamento dos mais novos. Neste estudo, o tempo de exposição parece estar associado a uma maior frequência de comportamentos violentos. Contrariamente ao que foi descrito por Küntscher e colaboradores (2006), não foi encontrada uma prevalência mais elevada de comportamentos violentos nos sujeitos que apresentam maior tempo de exposição durante o fim-de-semana, relativamente àqueles que estão mais tempo expostos em dias de semana.

É ainda notória a discrepância entre o tempo que os estudantes passam a ler livros/revistas (cerca de 3 horas por dia), quando comparado com o tempo que passam com as novas tecnologias (aproximadamente 5 horas por dia). Esta prevalência das novas tecnologias pode dever-se ao mais fácil acesso que actualmente as crianças e jovens têm a estes tipos de meios de comunicação social e à maior atractividade dos meios audiovisuais.

Se, por um lado, alguns autores discutem o efeito que o tempo de exposição aos *media* pode ter sobre os comportamentos, por outro lado, Barkhuus (1999) coloca a ênfase nos conteúdos observados. As correlações encontradas não nos permitem assegurar uma maior probabilidade de comportamentos violentos com base nos conteúdos, comparativamente com a quantidade de tempo. No entanto, o *bullying* parece estar mais relacionado com a quantidade de comportamentos violentos visualizados e o *cyberbullying* apresenta uma correlação mais forte com o tempo de exposição. É de referir o facto de a avaliação da violência visualizada ter sido feita com base nas percepções dos próprios alunos (Ramos, Pereira, Carvalho, Barroso, & Castanheira, 2011b). Apesar de considerarem que os conteúdos a que estão expostos não são muito violentos, uma grande percentagem dos alunos afirma que vê filmes (98%) e a maior parte gosta de ver filmes e séries, programas considerados violentos de acordo com o estudo de Vala, Lima e Jerome (2000). Em simultâneo, os alunos não parecem considerar as suas personagens favoritas como violentas, apesar de estas serem os heróis e protagonistas daquele tipo de programas.

Não foi encontrado um forte controlo parental relativamente ao uso dos *media* pelos mais novos. A maior parte dos alunos tem acesso à internet (57%) e TV (78%) no seu quarto e, uma vez não acompanhando a utilização destes meios, também a capacidade dos pais para controlar o tempo e conteúdos a que os filhos estão expostos fica mais limitada. É igualmente difícil para os pais este controlo, devido ao acesso cada vez mais alargado que os jovens têm à televisão e internet fora de casa, nomeadamente na casa de colegas ou em locais onde existe menor monitorização por parte dos adultos.

Apesar da correlação não ser muito forte, o controlo parental está associado a uma diminuição da frequência de comportamentos violentos, tal como foi identificado por Tufte (1999). No entanto, pode surgir a questão acerca da eficácia do acompanhamento e controlo exercido pelos pais. Por exemplo, não se sabe até que ponto os pais que vêm televisão com os seus filhos seleccionam programas mais violentos, sem uma percepção da

violência a que estão expostos ou manifestando eles próprios atitudes pro-violência (Ramos, Pereira, Carvalho, Barroso, & Castanheira, 2011a).

Finalmente, e na linha da teoria da aprendizagem Social (Vala, Lima e Jerome, 2000), os alunos que exibem comportamentos de *bullying* e *cyberbullying*, tendem a evidenciar igualmente atitudes mais favoráveis relativamente à violência. Esta associação vai ao encontro da explicação fornecida por Bandura (2001) e Jo e Berkowitz (1994; *in* Vala, Lima e Jerome, 2000), apontando para a simbolização vicariante e defendendo que a violência moralmente justificada proporciona uma maior desinibição da agressão, facilitando a aquisição de respostas agressivas.

Conclusão

A investigação acerca dos efeitos da violência exibida pelos meios de comunicação social tem enriquecido o debate acerca da necessidade de intervenção sobre os *media* e tem-se debruçado sobre os factores que poderão estar envolvidos nesta relação. A própria metodologia aplicada tem sido alvo de discussões e são vastas as possibilidades de investigação na área dos *media*, da influência que exercem e nas suas consequências. Este estudo representa uma contribuição para esta temática, sobretudo porque, realizado em contexto nacional, incide num dos aspectos que tem vindo a revelar-se uma fonte de preocupação não só para os jovens, mas também para pais, professores e todos os envolvidos na educação das gerações mais novas: a violência em contexto escolar. Simultaneamente, vem analisar uma das formas emergentes de violência entre os mais novos – o *cyberbullying* –, que tem vindo a acompanhar a evolução das novas tecnologias da informação e comunicação.

Mais do que uma perspectiva acerca da quantidade de tempo que as crianças e jovens portugueses passam a utilizar a internet, telemóvel, televisão, livros e ainda revistas, é possível compreender, através dos resultados, o teor dos conteúdos que estes alunos seleccionam, sendo perceptível uma tendência para temas de cariz violento. Esta opção nem sempre é acompanhada pelos pais, a fonte primordial de controlo e suporte na compreensão do que é apreendido no local a partir do qual os jovens têm mais acesso a esses conteúdos: a sua casa e, em alguns casos, o seu próprio quarto.

Este panorama pode ser percebido como ameaçador, se for ponderada a correlação que estes factores demonstram ter com comportamentos de *bullying* e *cyberbullying*, de acordo com as especificidades já referidas. É ainda de salientar a associação entre atitudes pro-violência e o aumento de comportamentos violentos, na medida em que permite uma concepção mais abrangente dos factores mediadores desta influência.

Conscientes da natureza exploratória que caracteriza este estudo, emerge a necessidade de investir em linhas de investigação que possibilitem uma compreensão mais detalhada das relações encontradas. Neste sentido, seria de grande interesse a produção de investigação de carácter longitudinal, em amostras aleatórias da população portuguesa, através das quais fosse possível identificar um sentido de causalidade e analisar as mudanças ao longo do tempo, com uma maior representatividade nacional.

Seria ainda importante um estudo mais detalhado e isolado com os participantes cujos resultados evidenciam uma maior tendência para atitudes a favor da violência e aqueles cujos comportamentos de *bullying* e *cyberbullying* são mais frequentes. Uma investigação desta natureza permitiria uma análise do perfil e da utilização que estes sujeitos fazem dos *media*, bem como do tipo de acompanhamento parental a que estão sujeitos.

O uso dos meios de comunicação social pelas crianças e jovens não é, por si só, motivo de preocupação. A evolução dos meios de comunicação social desencadeia-se a um ritmo acelerado e cada vez mais é aceite e adaptada de forma a servir as necessidades da sociedade, incluindo a educação dos mais novos. Contudo, muitos dos seus utilizadores não dispõem de competências que lhes permitam uma compreensão e apropriação adequada dos conteúdos a que estão expostos diariamente nos *media*.

Mais do que uma regulação na produção de programas de TV e desenvolvimento de programas de internet com qualidade mais elevada (sem objectivos de censura), é crucial que os planos de acção no campo da prevenção possam funcionar numa dinâmica de consciencialização para a literacia nos *media*, que já tem sido difundida pela Europa (von Feilitzen, 1999). Para além dos benefícios da redução do tempo de exposição à violência nos *media* (proporcionando às crianças outras opções nas suas actividades de tempos livres), seria vantajoso desenvolver hábitos saudáveis de consumo dos *media*, de modo a promover a mudança de atitudes pro-violência e desenvolvimento de estratégias alternativas à violência para a resolução de problemas.

Uma intervenção eficaz permitiria a criação de programas de sensibilização e formação não só dirigidos a crianças e jovens em idade escolar, mas igualmente dirigida aos pais, professores e a própria comunidade, dotando os intervenientes de competências adequadas para lidar com as novas tecnologias da informação e os conteúdos a que nos expõem diariamente, captando igualmente a atenção dos cuidadores para a necessidade de investirem no acompanhamento das crianças e jovens na exposição e compreensão dos *media*.

Referências Bibliográficas

- Anderson, C., Berkowitz, L., Donnerstein, E., Huesmann, L., Johnson, J., Linz, D., and Wartella, E. (2003). The Influence of Media Violence on Youth. *Psychological Science in the Public Interest*, 81-110. doi: 10.1111/j.1529-1006.2003.pspi_1433
- Anderson, C.A., Berkowitz, L., Donnerstein, E., et al. 4 (2003): The influence of media violence on youth. *Psychological Science in the Public Interest*, 4, 81–110.
- Barkhuus (1999). The Effects of Media Violence on Children's Expressed Agressiveness. *Media Violence and Children*, 1-13.
- Bjorkqvist, K. (1994). Sex Differences in Physical, Verbal, and Indirect Aggression: A Review of Recent Research. *In Sex Roles*, 30, 177-188.
- Bushman, B.J., Huesmann, L.R. (2006): Short-term and long-term effects of violent media on aggression in children and adults. *Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine*, 160, 348–52.
- Christensen, L. (2001): *Experimental Methodology (Eight Edition)*. Massachussetts: Allyn & Bacon.
- Council on Communications and Media (2009). *Media Violence. Pediatrics*, 124, 1495-1503. doi: 10.1542/peds.2009-2146.
- Crick, N. & Grotpeter, J. (1995). Relational Aggression, Gender, and Social-Psychological Adjustment. *Child Development*, 66, 710-722.
- Eron, L. (1994). Theories of Agression. In Huesmann (Ed.) *In Aggressive Behaviour: Current Perspectives* (pp.3-11). Nova York: Plenum Press.
- Gunter, B. (2008). Media Violence : Is There a Case for Causality?. *American Behavioural Scientist*, 51, 1060- 1122.
- Huesmann, L. (1994). Longitudinal Observational Studies of TV Violence. In Huesmann (Ed.) *In Aggressive Behaviour: Current Perspectives* (pp.164-180). Nova York: Plenum Press.
- Johnson, O. (1996): Television violence and its effect on children. *Journal of Pediatric Nursing*, 11, 94-99. doi:10.1016/S0882-5963(96)80066-2
- Kuntsche, Pickett, Overpeck, Craig, Boyce e Matos (2006). Television Viewing and Forms of Bullying among Adolescents from Eight Countries. *In Journal oh Adolescent Health*, 39, 908-915.
- Küntscher, E., Simons-Morton, B., Bogt, T., Queija, I., Tinoco, V., Matos, ... Lenzi, M. (2009). Electronic media communication with friends from 2002 to 2006 and links to face-to-face contacts in adolescence: an HBSC study in 31 European and North

- American countries and regions. *Journal of Public Health*, 54, 243–S250. doi: 10.1007/s00038-009-5416-6
- Matos, A. (2005). *Televisão e Violência: (Para) Novas Formas de Olhar*. *Comunicar*, 25.
- Murray, J. (2008). Media Violence: The effects are both real and strong. *American Behavioural Scientist*, 51, 1212-1230. doi: 10.1177/0002764207312018
- Olweus, D. (1993). *Bullying at School: What we know and what we can do*. Oxford: Blackwell.
- Pereira, S. (2000). A Televisão e o Conceito de Infância. In CESC e IEC da Universidade do Minho (Eds.), *Actas do Congresso Internacional “Os Mundos Sociais e Culturais da Infância” – III Volume* (pp. 305-309). Braga, Portugal: Bezerra Editora.
- Ramos, S., Pereira, A., Carvalho, C., Barroso, M. & Castanheira, H. (2011a, September). *Media Violence: A Study of Portuguese Children*. Paper present at EU KIDS Online Conference, London
- Ramos, S., Pereira, A., Carvalho, C., Barroso, M. & Castanheira, H. (2011b, Novembro). *Bullying, Cyberbullying e os Media em Portugal: Que relação?* I Congresso Nacional de Comportamentos de Saúde Infanto-Juvenis, Viseu.
- Strasburger, V. (2009): Children, adolescents and the media: what we know, what we don't know and what we need to find out (quickly!). *Archives of Disease in Childhood*, 94, 655-657. doi: 10.1136/adc.2008.157156
- Strasburger, V., Jordan, A. e Donnerstein, E. (2010). Health Effects of Media on Children and Adolescents. *Pediatrics*, 125, 756-767. doi: 10.1542/peds.2009-2563
- Trolley, B. & Hanel, C. (2010). *Cyber Kids, Cyberbullying, Cyber Balance*. Thousand Oaks: Corwin
- Tufte, B. (1999). A Educação para a mídia na Europa, com foco especial nos países nórdicos. In Carlsson, U. & von Feilitzen, C. (Org.) *A Criança e a Mídia: Imagem, Educação, Participação* (pp.235-251). Brasília: Edições UNESCO Brasil.
- Vala, J., Lima, L., & Jerónimo, R. (2000). *Avaliação da violência na televisão portuguesa: Programação de 1997*. Lisboa: Alta Autoridade para a Comunicação Social.
- Vandebosch, H. e Cleemput, K. (2009). *Cyberbullying among youngsters: profiles of bullies and victims*. *New Media Society*, 11, 1349- 1371.
- Von Feilitzen, C. (1999). Educação para a mídia, participação infantil e democracia. In Carlsson, U. & von Feilitzen, C. (Org.) *A Criança e a Mídia: Imagem, Educação, Participação* (pp.19-36). Brasília: Edições UNESCO Brasil.

Wang, J., Iannotti, R., e Nansel, T. (2009). School Bullying Among Adolescents in the United States: Physical, Verbal, Relational, and Cyber. *Journal of Adolescent Health, 15*, 1–8.

Ybarra, M., Diener-West, M., Markow, D., Leaf, P., Hamburger, M. e Boxer, P. (2008). Linkages Between Internet and Other Media Violence With Seriously Violent Behaviour by Youth. *Pediatrics, 122*, 929-937. doi: 10.1542/peds.2007-3377.

Webgrafia

www.nordicom.gu.se/eng.php

www.nordicom.gu.se/clearinghouse.php